

**JUDEU: ALMA SENSÍVEL E REVELAÇÃO, EM *FARDA, FARDÃO, CAMISOLA DE DORMIR*, DE JORGE AMADO**

*THE JEW: A SENSITIVE SOUL AND REVELATION, IN JORGE AMADO'S FARDA, FARDÃO, CAMISOLA DE DORMIR*

Márcio Henrique Muraca<sup>1</sup>

**RESUMO:** O judeu aparece na obra de Jorge Amado, assim como na de outros autores de esquerda da geração de 1930, como metonímia de subversão, assim como de “comunismo”, especialmente sob a vertente stalinista do período. Sobre tal aspecto, já se escreveu sobre a presença do judeu em tais obras. No entanto, além dessas conclusões, é possível entrever numa obra tardia de Jorge Amado, como *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979), algo mais: a do judeu não apenas como profeta do socialismo, mas também como elemento que se vincula à sensibilidade e à revelação de um tempo/espaço mítico, poético, utópico.

**Palavras-chave:** Judaísmo, Cosmovisão, Utopia

**ABSTRACT:** The Jew is represented in Jorge Amado's works – as well as other left-wing authors of his generation (1930) – as a metonymy for both subversion and “communism”, especially that one under Stalin's leadership. There are a number of papers related to this aspect. However, in addition to that conclusion (judaism/subversion), it is possible to glimpse another element, through a later Jorge Amado's work as *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979): the Jew not only as a prophet of socialism, but also as a element linked to a sensitive soul, also as the revelation of a mythic, a poetic, and an utopian time/space.

**Key-words:** Judaism, Worldview, Utopia

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Estudos Judaicos pelo Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).  
[henrymuraca@yahoo.com.br](mailto:henrymuraca@yahoo.com.br)

## 1. PALAVRAS INICIAIS

O trabalho que aqui se apresenta é a fase final de reflexões que tiveram como esteio o modo como o judeu é representado (ou citado) na obra de Jorge Amado<sup>2</sup>, sobretudo em sua produção de primeira fase (década de 1930 até meados do decênio de 1950), quando o autor se afasta do Partido Comunista.

Tal modo de perceber o judeu acaba por se estender a outros autores da geração de Amado, tomando modos de ver esse povo tendo como base a orientação de esquerda da época, a qual parecia marcar, principalmente em romances, o judeu como comunista, como estrangeiro-profeta, por assim dizer, que vem trazer ao Brasil da Era Vargas a “luz socialista” empreendida no leste europeu. Por isso, tanto em Jorge Amado, como em Erico Verissimo, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, é possível ver esse judeu sob bases tipificadas, estereotipadas (sobretudo quanto ao físico) e ideológicas: Samuel, Isaac, Moisés e outros aparecem menos como personagem e mais como assunto ou metáfora de um ideal, de quem anuncia ou revela tempos bons via socialismo.

Essa visão monolítica do judeu – ou mesmo do judaísmo – associado ao comunismo é um meio utilitário, um recurso narrativo, um elemento estrutural que permite a rápida associação de ideias e imagens pelo leitor: judeu estrangeiro, errante, misterioso, revelador, sem-pátria... Um judeu ancorado em mitos e, mais do que tudo, num ideal mítico de “fim”, de “últimos dias” (elemento *escatológico*) e de salvação humana (elemento *soteriológico*).

São justamente a escatologia e o caráter salvacionista que mais impressionam no Jorge Amado da chamada primeira fase. A revolução socialista é vista em sua cosmovisão como a chama capaz de iluminar tempos obscuros, que se lê desde seus romances até suas crônicas da Segunda Guerra Mundial. Daí o tempo linear de sua obra, o espaço regional esgarçado como metonímia do mundo explorado pelo poder, tanto do Estado como do capitalismo. Daí, também, o maniqueísmo de sua obra (presença contundente entre o bem e o mal) e a redução ou simplificação, como é o caso da presença de judeus em

---

<sup>2</sup> O artigo se baseia no desfecho da tese de doutorado “Jorge Amado e o judeu”, assim como nos diversos artigos publicados pelo autor sobre a presença do povo judeu na produção da geração da década de 1930. Vale ressaltar que, aqui, o autor expande um pouco mais a conclusão *delineada* na tese, de que o judeu não aparece na obra amadiana somente como elemento metonímico de subversão ou comunismo, mas também de sensibilidade e revelação.

seus textos ligados ao comunismo, passando longe das contradições internas e complexidades da comunidade judaica no mundo e no Brasil.

Isto dito, cabe então abrir aqui neste artigo, outra posição que parece assumir o judeu na obra (ou cosmovisão) de Jorge Amado: o sentido de revelação, em oposição ao racionalismo; a alma sensível e utópica, o ideal de união, a busca do sonho de um mundo justo e igualitário. Tudo isso por meio, também, da presença do judeu em sua obra. Neste caso, a obra esquadrihada é de segunda fase do autor, do ano de 1979, *Farda, fardão, camisola de dormir*.

## 2.SOBRE FARDAS E CAMISOLAS, SOBRE CORONÉIS E SONHADORES

*Farda, fardão, camisola de dormir* (1979) tem início com o ambicioso coronel Sampaio Pereira em 1940, preste a receber a notícia da vaga aberta na Academia Brasileira de Letras em virtude da morte do poeta Antônio Bruno, cuja personalidade é inversa à sua.

A figura absurda e caricata do militar, introduzida no irônico título “Perfil do heroico coronel”, é configurada em contraste com o jornalista judeu Samuel Lederman, ali na sala do militar, na posição de convencer o poderoso homem das armas a revogar a cassação de registro de sua revista pelo Departamento de Imprensa e Propaganda:

Desagradável mesmo foi quando o Coronel, tendo começado a folhear as provas tipográficas, perdeu a cabeça e deixou de representar. Até então, a entrevista decorrerá numa atmosfera pesada porém suportável; tampouco se pretende ambiente cordial, troca de amabilidades, gentilezas e sorrisos num encontro entre o Chefe do Sistema de Segurança da ditadura do Estado Novo e um rele jornalista subversivo, suspeito de pertencer ao Partido Comunista e escarradamente judeu. (AMADO, 1985, p.19).

A tensão narrativa é engendrada no jogo antagônico das representações dos personagens (militar conservador/jornalista libertário), que tem como função escalonar o ridículo da arrogância de quem concentra o poder e tem como intenção controlar todos os setores sociais, tema introduzido na obra pela ansiedade tresloucada do Coronel em se tornar membro da Academia Brasileira de Letras, sendo ele autor de “Por uma civilização ariana nos trópicos – Ensaio

de brasilidade”, livro adotado “nos ginásios oficiais, na cátedra de Educação Moral e Cívica”, o que “lhe garantia [...] pingues direitos do autor” (AMADO, 1985, p.20).

No contraste, o judeu comunista contestador, mas, acima de tudo, sonhador, sensível, um revolucionário praticamente ingênuo, como se pode ler na inserção das falas de sua esposa Da que surgem em meio à resistência de Samuel ao autoritarismo do colérico Sampaio Pereira:

O rosto descomposto pela ira, nos olhos a fulguração amarela dos sectários, o Coronel tornou-se ameaçador e imprevisível. Agitou o punhado de provas diante da cara magra do indivíduo assustado no outro lado da mesa. No outro lado da trincheira, sendo como era o gabinete do Coronel um campo de batalha. A voz rompeu-se em falsete, esganiçada:

– Cínico! Atreve-se a afirmar que esse pasquim não é comunista! Que acha que eu sou? Um imbecil? – um soco na mesa, um obus ou uma granada.

[...]

Homem de ação e de pensamento, provado na luta (na guerra, corrige ele, na guerra sem trégua contra os inimigos da Pátria), autor aplaudido de mais de uma dezena de livros, cinquentão bem conservado, moreno ligeiramente queimado na cor. Pouco antes, ao ouvi-lo proclamar a superioridade da raça ariana – nós, os arianos, tomaremos as rédeas do universo e o cavalgaremos... –, o jornalista Samuel Lederman, apesar da incômoda posição em que se encontrava, em vez de admirar e aplaudir o labor e a pujança da frase, não pôde impedir desrespeitoso e temerário devaneio: qual a porcentagem de sangue negro nas veias azuis do nobre ginete do universo? Quanto ao nariz enérgico porém adunco e ao sobrenome Pereira, não acusavam por acaso rastro de cristão-novo, de avoengo semita, convertido a ferro e fogo pela Santa Inquisição? (Tu és um perverso, Samy, repetia-lhe Da, enrodilhando-se a seus pés.) Sigilosa injúria, ainda bem, pois de nada adiantaria querer discutir a intrínseca qualidade ariana do Coronel. (AMADO, 1985, p.19-20).

A constatação de Samuel em discurso indireto das origens “suspeitas”, nada arianas, do Coronel, da possível ascendência cristã-nova do sobrenome Pereira e a observação do nariz adunco do militar, novamente, é indício de um narrador que mescla historicismo e imaginário popular para afirmar a oposição ideológica que pretende evidenciar.

No entanto, parece haver uma novidade numa obra escrita em 1979, ano em que João Figueiredo, último dos generais a assumir o poder federal, promete a redemocratização do país: distante do ardor militante da década de 1930, o narrador amadiano, a meu ver, não prescinde de uma espécie de *autocrítica* do passado ao colar no jornalista judeu a imagem metonímica do messianismo comunista do leste europeu.

Judeu também visto pelo narrador como metáfora do oprimido por ideais nazifascistas, surgindo estes, em função do cerceamento à liberdade, como risco à civilidade que a cultura e a intelectualidade parecem oferecer (ABL/Paris) – isso tudo dentro de um tom farsesco.

Ainda, o texto poderia ser lido como meio de satirizar o histórico embate nacional político bipartido entre esquerda x direita, entre tradicionalistas x socialistas, e menos uma crítica ao conservadorismo.

Os olhos redondos e ingênuos do Coronel pousam no jornalista, a quem esquecera por completo, desagradável testemunha. Cobre o bocal do fone com a mão, ordena:

– Vá-se embora!

Samuel Lederman, Samuca para os amigos, Samy para Da, sua mulher, ainda insiste – sem esperanças, mas o dever, ah!, é necessário cumpri-lo até o fim:

– E a revista, Coronel? Liberada? (Campeão de causas perdidas, isso é o que tu és, Samy, a voz de quebranto de Da.).

Fuzilam os olhos do Coronel, aqueles olhos de verruma:

– O quê? Ainda se atreve... fora daqui, antes que me arrependa e mande metê-lo no xadrez.

Derrotado, o jornalista recolhe as provas, a entrevista não produzira os resultados esperados; a proibição de Perspectivas fora mantida e seu diretor escapava da cadeia por acaso – Samuca nunca mais permitirá que em sua frente falem mal da Academia, benemérita instituição.

Atravessando os sombrios corredores, as provas inúteis metida no bolso do paletó, o pequeno jornalista Samuel Lederman lastima a morte do poeta Antônio Bruno, com quem falara uma única vez e cuja ode para a cidade de Paris ocupada pelos alemães, canto de luta e de esperança, continuaria inédita em letra de forma. Como muitas outras pessoas, Samuca sabe de memória trechos inteiros do poema e os relembra. Emerge pouco a pouco da derrota, mais poderoso é o sonho que nos é dado sonhar: mais dia menos dia, a deficitária, perseguida, condenada revista se transformará em jornal diário,

nervoso e vivo, grandes reportagens, colaboradores famosos, nacionais e estrangeiros, livre debate de ideias, algo inédito na imprensa do país. Quando Paris for libertada e houver democracia no Brasil. (Tu és incorrigível, Samy...). (AMADO, 1985, p.28).

A liberdade de ideias é sonhada pelo “incorrigível Samy”, na voz da amada, que emerge de uma dimensão interior, acolhedora, primordial, “profética” (tu és...), fornecendo o contraponto à frieza e à inflexibilidade do ambiente burocrático, repressivo, pretensamente objetivo.

Por que um judeu na abertura do romance, em contraposição ao coronel fascista? É ele símbolo de uma esquerda intelectual?

Além do que já posto na introdução deste texto, ou seja, além de uma função metonímica, tipificada, que traz à tona associações diversas aqui discutidas, como a ligação judeu/subversivo, há outro aspecto que me parece importante quando se coloca em perspectiva a voz de Da, a esposa de Samuel (ou Samuca, para os amigos, ou Samy, para a mulher).

Se o jornalista judeu é um “campeão de causas perdidas” – perseverante e resistente em seu empenho –, está ele, de outro lado, não estritamente articulado ao racionalismo, à disciplina de um stalinismo.

Nesse ponto de vista, Samuel aparenta mais ser um utopista do que um ideólogo. Aliás, o coronel insiste na *suspeita* de que o jornalista esteja envolvido com o comunismo, justamente porque o militar mesmo faz a associação judeu/comunista. Porém, o texto não indica de maneira direta que Samuel de fato esteja a serviço do Partido. Em realidade, o que fica mais evidente é o afã do judeu (incondicional e arriscado) pela libertação: daí a ABL e Paris nas mãos de fascistas, o “canto de luta e esperança” nos versos de Antônio Bruno, a democracia no Brasil...

Seria Samuca alter-ego de um Jorge Amado “político e visionário”?

Utopismo, caráter escatológico e soteriológico com um quê de sagrado e primordial (ou mítico) na voz narrativa... Sonho, identidade/integridade de um povo e sua emancipação, não via dogmas religiosos, mas pela cultura popular, a incluir a erudita, que tem como sinônimo a liberdade?

É isso que Amado entrevê no judeu? Tanto quanto Isaac, Samuel é sensível: estão os dois imbuídos de espírito de missão. Neles existe mais um caráter de perspicácia do que de racionalismo.

São os judeus racionalistas ou perspicazes?

Resposta à problematização é desenvolvida por Anatol Rosenfeld ao confrontar a tese da “ideia do conhecimento e do primado da razão ou racionalidade” presente como um dos quatro pensamentos básicos do judaísmo no livro *A religião dos judeus sem religião*, de Rudolf Bienenfeld, cujo conteúdo provém de uma palestra realizada em 1937, na Sociedade Judaica para Sociologia e Antropologia de Viena<sup>3</sup>.

Lendo *Maimônides* (1135-1204), de Rubén Luis Najmanovich, acerca de um dos mais destacados filósofos judeus da Idade Média (período em que a “filosofia judaica”, por assim dizer, procurou harmonizar a tradição bíblica e o entendimento helênico clássico), é possível notar um parágrafo que converge bem para o que Anatol Rosenfeld vai defender em seguida, em oposição a Bienenfeld: “O judaísmo original é a unidade histórica da palavra das Sagradas Escrituras e da filosofia, do saber obtido pela razão especulativa e pela revelação divina” (NAJMANOVICH, 2006, p.29).

Para Rosenfeld (2012, p.103-104), o povo intelectual, “por excelência”, é o grego. Igualmente vem deste a ideia de que “o conhecimento implica em procedimentos imediatos de princípios morais”.

Já o racionalismo judaico é tardio e foi alimentado pelo helenismo. E enquanto os gregos eram motivados pela matemática e filosofia, os primitivos judeus se mantinham despreocupados com tendências racionais. Rosenfeld então destaca que surgiu uma “religião poderosa” guiada não pelo racional, “mas sim sobre (ou além) do racional”.

Assim pensando, não se deve confundir racionalidade com a perspicácia do Talmud: “racional é a atitude de Sócrates, o qual (pela definição) pretende

---

<sup>3</sup> Os outros três pensamentos são: (1) a ideia da fraternidade radical (“todos têm os mesmos direitos, sem precisar de mediador para com Deus-pai”); (2) a ideia de justiça (“diferenciação do bem e do mal”; “não do belo do feio”, “do verdadeiro do falso”) e (3) a ideia de além-mundo (“o ser humano faz suas escolhas”, “o Messias [...] promoverá, aqui na Terra, um reino de justiça, de fraternidade e de ordenação da razão”). Em relação à ideia do conhecimento e do primado da razão, Bienenfeld defende a noção de que a “Justiça não se dá através de um sentimento místico, uma voz interior, mas através de uma aprendizagem constante pelo conhecimento sensato do bem e do mal”, conforme sumariza Anatol Rosenfeld (2012, p.99).

que os princípios morais derivem da razão”, ao passo que no Talmud as regras morais “são dadas pela revelação”. Até um racionalista como Maimônides vê a fonte não como uma entidade de princípio intelectual, mas um “atributo” cuja pessoa é “inconcebível”.

Trago a crítica de Anatol Rosenfeld porque ela ilumina, num viés análogo, o que o judeu também pode significar a Jorge Amado:

Os judeus podem ter sido muito perspicazes e inteligentes e, sem dúvida, a sua religião como religião é a de maior defesa do primado da razão, mas, em seu sentimento de valor, eles não reconhecem a razão como sendo a mais elevada (como fizeram os gregos) e isso explica o papel secundário da razão em todo o seu trabalho original. [...] Estamos confrontados com diferentes tipos básicos de ser humano. Entre os gregos, com certeza, prevalece o elemento racional, espacial e visual, entre os judeus o que prevalece é o auditivo, temporal e irracional: Deus é invisível, porém sua palavra se faz perceptível para os homens. (ROSENFELD, 2013, p.104).

### 3.PALAVRAS FINAIS

O sonhador “incorrigível” Samuel revela muito da visão de mundo amadiana, nisto que Anatol Rosenfeld assinala em relação ao “judeu”, aquele elemento sensível que o acompanha, sendo ele “auditivo, temporal e irracional”. Nesta perspectiva, o judeu não apenas surge nos textos de Jorge Amado como metonímia para comunismo ou subversão. Sua presença garante, igualmente, certa visão utópica, *hipersensível*, uma ligação anímica primordial do sujeito com um impulso que se expande fora do tempo, do espaço, da razão.

Tal potência acaba por ser um anelo à transcendência, à união absoluta com a “divindade”, sendo esta, ao mesmo tempo, transparente e perceptível, uma espiritualidade que se revela no humanismo, na democracia, calcada na sensibilidade que se mostra na força da poesia e do mito, ainda que ingênuas.

Parece ser esta a síntese da cosmovisão de Jorge Amado.



## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Farda, fardão, camisola de dormir*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- MURACA, Márcio Henrique. *Jorge Amado e o judeu*. 2015. 208p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes) – Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, 2015. *Online*. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-16092015-160034/pt-br.php> > Acesso em: 19 dez. 2017.
- NAJMANOVICH, Rubén Luis. *Maimônides*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. *Judaísmo, reflexões e vivências*. São Paulo: Perspectiva, 2012.